

MONUMENTO DA NEGRA NUA: SÍMBOLO DE LIBERDADE OU DE APRISIONAMENTO

Geysa Danielle Barbosa de Moura Silva

Mestranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Humanidades pela
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

geysamoural@gmail.com

Esse trabalho é um aprofundamento dos resultados obtidos durante a realização do projeto de pesquisa intitulado “Entre História e Memória: narrativas escritas e visuais sobre a abolição da escravidão em Redenção – CE” (2016). O Monumento da Negra Nua, localizado na cidade de Redenção - Ceará, foi construído na segunda metade do século XX em comemoração ao centenário de emancipação política do município. O objetivo desse artigo é compreender como o Monumento da Negra Nua, obra símbolo da liberdade pode representar ao mesmo tempo o aprisionamento da mulher negra a um duplo estereótipo: a sexualização do corpo e seu lugar social subalterno, herança da estrutura hierárquica do Brasil colonial. Assim, exploramos alguns elementos de construção de sentido que reforçam essas concepções. A perspectiva crítica adotada tem um viés sócio-histórico, entre outras referências teóricas, utilizamos a concepção de documento/monumento de Le Goff (1990) para investigar o Monumento e o entendimento sobre o conceito de estereótipo de Homi Bhabha (1998) para investigar a pintura da negra nua.

Palavras-chave: monumento, mulher negra, estereótipo.

INTRODUÇÃO

A promulgação da abolição na cidade de Redenção¹ no dia 1º de janeiro de 1883 e em seguida a Província do Ceará em 25 de março de 1884, foram marcos significantes que possibilitaram a esta região se intitular de “terra da luz”, quatro anos antes da Lei Áurea.² O título de primeira cidade a libertar os escravizados é visto com bastante

¹ Redenção é um município brasileiro que pertence ao Estado do Ceará. A cidade fica a 64 quilômetros da capital Fortaleza e faz parte do Maciço de Baturité, formação geológica localizada no sertão central do Ceará e é composta por treze municípios incluindo Redenção. Inicialmente a região se chamava Vila do Acarape (palavra tupi-guarani que significa caminho dos peixes), porém com em homenagem a região ter sido a primeira do Brasil a libertar os escravizados em 1883 a cidade passa a se denominar Redenção.

² O historiador Paulo Henrique de Souza Martins em sua dissertação “Escravidão, abolição e pós-abolição no Ceará: sobre histórias, memórias e narrativas dos últimos escravos e seus descendentes no sertão cearense” (2012) faz questionamentos a respeito do pioneirismo do Ceará na abolição trazendo dados que comprovam a existência de escravizados na região após o registro oficial da extinção da escravidão na província. Além disso, ele nos apresenta uma discussão a respeito dos motivos que sustentavam os grupos da elite em favor da abolição que eram motivos

orgulho pelos cidadãos de Redenção e principalmente pelos órgãos públicos do Estado do Ceará. Inclusive a implantação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) na cidade se justificou particularmente por este motivo, o qual se correlacionou diretamente com os objetivos do projeto de implementação da universidade.³

O Monumento da Negra Nua que serve como palco para a comemoração da libertação dos escravizados, está localizado na cidade de Redenção – Ceará, na Avenida da Abolição. Foi construído no ano de 1968 em comemoração ao aniversário do centenário de emancipação política do município pelo artista plástico Eduardo Pamplona⁴.



Figura 1 - Monumento da Negra Nua - Ano 2015.
Fonte: acervo pessoal

No que tange a composição e formato da obra, não foi possível encontrar documentos que detalhem as especificidades do monumento, como dimensão, materiais e tipologia, mas observa-se que a obra é composta por uma estrutura monumental e um painel pintado com a imagem de uma negra nua feito em pastilhas esmaltadas e também possui uma corrente de ferro que completa o projeto.

especialmente econômicos, porém tratavam como uma questão altruísta para criar um marco histórico e exaltar a eles mesmos como heróis da causa.

³ A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) criada em 2010 sob o ideal da interiorização do ensino superior, busca construir vínculos estreitos com a realidade específica das regiões onde está localizada: Maciço de Baturité, onde está situada a sede da Universidade (Ceará) e Recôncavo Baiano (Bahia). Além disso ela é uma universidade internacional, baseada nos princípios de cooperação solidária alinhada à integração com o continente africano, principalmente com os países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e tem como objetivo promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional. Disponível em: <http://www.unilab.edu.br/>. Acesso em 28/01/2019

⁴ José Eduardo Pamplona (1922 – 1991). Expôs pela primeira vez em 1946, no II Salão de Abril. Participou de outros Salões, recebendo Menção Honrosa e Medalha de Ouro. Dedicou-se à execução de painéis em pastilhas. Entre estes, os principais são os que fez para o Ginásio Santo Inácio, D.N.E.R. e Igreja do Coração de Jesus. Disponível em: <http://www.mauc.ufc.br>. Acesso em 28/01/2019

A obra foi instalada em um espaço público, na Rodovia CE - 060 que liga a cidade Redenção com Acarape que, na época de sua instalação, este era o acesso principal para outras cidades pertencentes ao Maciço de Baturité. Ao lado oposto do monumento estava localizado o antigo colégio Patronato que depois se tornou prédio principal da Prefeitura de Redenção, mas que hoje está instalada a Reitoria e outros setores administrativos da Unilab. Ao longo do tempo a rodovia foi duplicada e o painel permanece no mesmo local, porém num canteiro central entre as duas vias. Esse canteiro permite o acesso a pedestres para atravessar a avenida e tem um espaço livre em frente à obra onde as pessoas se reúnem para praticar diversas atividades escolares, atividades de cunho artístico como apresentações teatrais, atividades de cunho esportivo como capoeira e mostras culturais.



Figura 2 - Monumento Negra Nua. Ano 1968.
Fonte: acervo pessoal



Figura 3 - Monumento Negra Nua - Ano 2015.
Fonte: acervo pessoal

Dentro do contexto nacional a década de 1960 é marcada pela ditadura civil-militar e para nossa proposta é relevante compreender como o entendimento sobre etnia e raça era visto nesse período, assim Marize Conceição de Jesus afirma:

Nesse contexto político, os militares tomaram como incontestável a ideia da democracia racial. O governo militar negava veementemente o problema racial no país, divulgando ao exterior a ideia de um país sem conflitos dessa ordem, onde a “paz das cores” formalizava a igualdade entre as raças. Assim, a crença na ideologia da democracia racial imperou em todo o Brasil, fortalecendo a política do branqueamento, encobrindo as desigualdades socioeconômicas presentes entre negros e brancos. (2016, p. 1)

Portanto, é possível concluir que a criação de uma obra como esta de uma negra nua nos anos de chumbo no Brasil não só seria uma forma de rememorar uma ação de benfeitoria como também um apelo ao fortalecimento da ideologia de democracia racial.

É importante destacar que 1968 é o ano em que a Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP) é implantada pela ditadura no Brasil, o órgão foi criado como outro elemento legitimador, para além da violência e autoritarismo, de obediência e aceitação do governo militar. De acordo com Castro Netto:

Ou seja, a legitimidade da ditadura também foi construída a partir de estratégias de ação não violentas, mas lastreadas numa concepção de mundo, de Brasil e dos brasileiros, que deveria ser internalizada por todos os segmentos sociais. O apelo aos “sentimentos nobres da nação” já havia dado sustentação ao próprio golpe militar de abril de 1964. Naquele momento, os militares foram “saudados” como uma espécie de guardiões das origens do Brasil e, portanto, caberia a eles protegê-las. Assim sendo, a construção da legitimidade foi assentada para além do aspecto da legalidade jurídica, mas na idealização construída a respeito da capacidade dos militares em realizar as potencialidades do Brasil. (2017, p. 760)

Ou seja, a criação do monumento poderia estar inserido no desejo de exaltação dessas potencialidades do Brasil, para além disso, as potencialidades do Estado e também do Município. Usando o monumento como elemento de propaganda exaltando a mulher negra como forma de demonstrar a inexistência de problemas raciais no Brasil.

Muitos dos documentos históricos como jornais e relatórios imperiais colocam esses personagens sempre a margem do processo, ora omissos, ora em segundo plano e, em muitos casos, estes são colocados como marionetes ou um troféu para representar não sua luta de libertação, mas o esforço de “benfeitores”, de “homens de bem”, em prol de um ato altruísta. Principalmente, porque a própria Historiografia Oficial tratou de reafirmar a importância do pioneirismo da cidade na abolição sem problematizar as consequências sofridas pelos agentes principais desse processo que foram os próprios escravizados. Conforme cita Sobrinho (2011, p. 300) “entretanto, a realidade era outra e como logo descobririam. A inserção do negro no mundo reservado aos brancos provocou uma reação imediata – mostrando que ser livre, não significava, necessariamente, ser aceito na sociedade”.

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa documental e bibliográfica que pretende compreender como o Monumento da Negra Nua pode ter contribuído para fixação e reforço de estereótipos atribuídos à mulher negra nos discursos pós-abolição. As fontes utilizadas para pesquisa foram jornais locais, livros sobre o município, documentos da Prefeitura Municipal de Redenção e do Governo do Estado do Ceará e Monumentos.

O conceito de monumento será estudado pela perspectiva de Le Goff sobre documento/monumento utilizando-se o seu sentido simbólico, material e prático, pois uma das funções dos monumentos é de perpetuar os fatos ocorridos como forma de rememoração. Contudo, é importante tratar o monumento como documento, pois, de acordo com Le Goff (1990, p. 549), “monumento é em primeiro lugar uma roupagem, uma montagem, uma aparência enganadora. É preciso demolir esta montagem, problematizar os documentos a partir de uma reflexão crítica, analisando as condições de produção dos documentos/monumentos”. Desta forma, investigamos a obra para além da estética empregada e do simbolismo de liberdade a qual foi estabelecida no ato de sua formulação.

Assim, somando-se a crítica histórica ao documento, se fez necessário também uma análise social do documento/monumento enquanto instrumento simbólico de poder. Para isso foi preciso cruzar os documentos e fazer um diálogo sobre o que estava exposto e até mesmo o que foi silenciado ou omitido.

Destarte, questionamos o propósito da obra da Negra Nua ter sido construída como uma representação da liberdade dos escravizados e partimos da premissa que a imagem do painel pode ter impactado na fixação de estereótipos da mulher negra na sociedade e tendo seu lugar social sempre fadado a uma posição hierárquica inferiorizada. Para compreender o conceito de estereótipo iremos recorrer à definição empregada por Homi Bhabha:

O estereótipo, que é a sua principal estratégia discursiva, é uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que esta sempre “no lugar”, já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido... como se a duplicidade essencial do asiático ou a bestial liberdade sexual do africano, que não precisam de prova, não pudessem ser provados jamais no discurso. (1998, p. 105)

Utilizamos esta noção de estereótipo, pois entendemos que o monumento é utilizado como instrumento fixador de uma imagem da mulher negra que se constrói no período colonial e se perpetua ao longo do período pós-abolição como mecanismo de poder. Desta forma, iremos analisar o monumento na perspectiva da mulher negra exposta na obra e no que tange seu corpo e seu lugar social.

“GRANDE ATOLEIRO DE CARNE”

Nosso pressuposto de análise da obra é a interpretação de que a pintura quis retratar o momento exato em que foi anunciado para aquela cativa que a escravidão havia acabado, ou seja, o instante pontual que ela deixa de ser escravizada. A pintura do painel da Negra Nua descreve uma mulher negra, que está totalmente despida, de joelhos, mãos levantadas, boca aberta como um pedido de ajuda ou agradecimento.

Levando em consideração que a obra foi construída com o propósito de identificar a cidade como redentora dos escravizados, questionamos os motivos do uso da figura feminina para representar a liberdade. Por que ela foi pintada nua? O que representa a forma e a posição em que ela foi pintada?

Observamos que muitas obras relacionadas à liberdade no ocidente são representadas por uma mulher, principalmente no século XIX como exemplo: o quadro “A Liberdade Guiando o Povo” (1830) de Eugène Delacroix, a Estátua da Liberdade inaugurada em 1886 em Nova Iorque - Estados Unidos e a Efégie da República do Brasil. Todas elas influenciadas pela figura francesa de Marianne, de acordo com Jurt (2012, p. 495), “na França, foi à alegoria feminina da liberdade que se tornou a encarnação da nação como república-liberdade. Seu enraizamento na memória popular se manifesta pelo nome “Marianne”, que é encontrado de maneira recorrente a partir de meados do século XIX”. Deste modo, podemos aferir que criou-se um certo padrão de representação da liberdade colocando a mulher como símbolo.

Além disso, o principal símbolo de liberdade propagado pela historiografia oficial no Brasil foi à personagem histórica Princesa Isabel, responsável pela assinatura da Lei Áurea. Contudo, não iremos abordar nesse texto qual a perspectiva de se ter atribuído a princesa o papel de libertadora dos escravizados, porém iremos utilizar sua figura, retratada em obras e monumentos e fazer um comparativo com o Monumento da Negra Nua.

Utilizaremos o busto da Princesa Isabel, localizado em Redenção inaugurada em 1º de janeiro de 1933 como homenagem ao cinquentenário da abolição no Ceará. Também iremos dispor da estátua da Princesa Isabel, localizada na Avenida Princesa Isabel em Copacabana no Rio de Janeiro, inaugurada em 2003 como comemoração aos 115 anos de abolição. Vamos utilizar as duas obras, porque o busto da princesa em Redenção não abrange toda sua representação corporal e acreditamos ser importante uma obra que mostre toda estrutura física da princesa Isabel para nossa análise comparativa.



Figura 4 e 5 - Busto em homenagem a Princesa Isabel, localizado na Praça Matriz da cidade de Redenção – Ce. Fonte: acervo pessoal



Figura 6 - Estátua em homenagem a Princesa Isabel, localizada na Avenida Princesa Isabel no Rio de Janeiro. Fonte: Vera Dias

Diante da comparação das obras podemos pensar na importância das roupas sob duas perspectivas: uma associada à sexualidade e a outra associada à posição social. Trataremos inicialmente sobre aspecto do corpo *versus* sexualidade. Porque então a Negra nua foi despida? Qual o propósito de representar a personagem negra como uma personagem nua no painel?

No livro *História das Mulheres no Brasil* (2013), no capítulo que trata sobre as mulheres no sertão nordestino a autora Falci (2013, p. 249) nos traz o retrato da mulher escrava quanto a sua vestimenta, “suas roupas: uma ou duas saias de algodão e uma camisa (a blusa larga parecendo bata que era usada sobre a saia). Diferentemente das escravas baianas, as do sertão nunca usavam adornos em ouro.” Ou seja, as escravizadas possuíam roupas, embora fossem vestimentas mais modestas se comparadas com as roupas das mulheres livres.

Deste modo, as características da negra nua nos leva a premissa da obra ter sido retratada pelo desejo e imaginário popular de pensar na mulher negra como um corpo apenas.

Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas “só corpo, sem mente”. A utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era a exemplificação prática da ideia de que as “mulheres desregradas” deviam ser controladas. Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado. (HOOKS, 1995, p. 469)

Embora a autora esteja abordando o contexto da mulher negra nos Estados Unidos, podemos verificar que essa representação também faz parte da concepção a respeito da mulher negra no Brasil.

Sobre esta idealização da mulher negra no Brasil, é possível observar tal prerrogativa em um trecho do livro *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre:

Em outros vícios escorregava a meninice dos filhos do senhor de engenho; nos quais, um tanto por efeito do clima e muito em consequência das condições de vida criadas pelo sistema escravocrata, antecipou-se sempre a atividade sexual, através de práticas sadistas e bestiais. As primeiras vítimas eram os moleques e animais domésticos; mais tarde é que vinha o grande atoleiro de carne: a negra ou a mulata. Nele é que se perdeu, como em areia gulosa, muita adolescência insaciável.

Daí fazer-se da negra ou mulata a responsável pela antecipação de vida erótica e pelo desbragamento sexual do rapaz brasileiro. Com a mesma lógica poderiam responsabilizar-se os animais domésticos; a bananeira; a melancia; a fruta do mandacaru com o seu visgo e a sua adstringência quase de carne. Que todos foram objetos em que se exerceu- e ainda se exerce - a precocidade sexual do menino brasileiro. (2003, p. 470)

Este livro foi responsável por mostrar como se dava as relações entre as raças no período colonial e pretendia afirmar também que a hegemonia do homem branco em superioridade ao negro era comum na sociedade brasileira. Ou seja, tudo bem tratar o corpo da mulher negra no sentido de objetificação sexual, pois diante uma explicação cultural e social a ela era “naturalizado” essa predisposição a promiscuidade.

Apesar de Gilberto Freyre produzir seu livro com o intuito de demonstrar uma relação harmoniosa entre as raças no Brasil o que percebemos é, na verdade, uma relação hierárquica bem estabelecida em que a mulher negra é colocada na base da

sociedade. E quando ele se refere à negra e a mulata como “grande atoleiro de carne”, seu corpo é tratado simplesmente como objeto sexual.

Para compreender melhor nossa interpretação é preciso comparar o Monumento da Negra Nua com as duas obras, já citadas, da Princesa Isabel. Se a princesa representa o símbolo máximo de liberdade no Brasil, e a nudez reflete a liberdade, porque não encontramos nenhuma obra em sua homenagem com sua representação despida? Assim, temos de um lado à idealização da mulher branca, mulher bem vestida: musa da libertação dos escravizados, redentora, benfeitora, símbolo de virtude e castidade; do outro lado à idealização da mulher negra, mulher despida: cheia de desejos, voluptuosa, símbolo de fraqueza e mácula.

Desta maneira, refutamos a ideia do discurso tradicional de que a obra da Negra Nua representa uma metáfora da liberdade e do desprendimento, nossa perspectiva é de que a nudez da mulher negra na obra representa o imaginário brasileiro a respeito desta mulher vista como objeto de desejo e subalternidade. Assim:

Julgar a imagem estereotipada com base em uma normatividade política prévia é descartá-la, não deslocá-la, o que só é possível ao se lidar com sua eficácia, com o repertório de posições de poder e resistência, dominação e dependência, que constrói o sujeito da identificação colonial (tanto colonizador como o colonizado). (BHABHA, 1998, p. 106).

Desta forma, o estereótipo da mulher negra ultrapassa o período da colonização e se estende ao longo dos anos, pois essa imagem é fixada em contraposição a uma outra representação, também fixada, que é a da mulher branca íntegra, honrada, pura e, portanto, com qualidades superiores a da negra.

Diante do exposto, inferimos que o corpo da mulher negra é composto por conceitos e significados que foram construídos historicamente e socialmente. Para que tenhamos um entendimento total a respeito de como essa abstração foi estabelecida é preciso entender em que lugar o corpo da mulher negra ocupa na sociedade.

DA SENZALA ÀS FAVELAS

A análise do Monumento da Negra Nua se faz importante para tentar compreender um pouco mais sobre os discursos pós-abolição e a representação da

mulher negra como foco principal numa arte produzida com o intuito factual de identificar a cidade como pioneira na libertação. Mas que tipo de libertação estaríamos discutindo diante desta obra? Compreende-se que houve uma libertação no que se refere à condição jurídico-social, porém será que essa liberdade possibilitou esses agentes permearem em todos os campos sociais?

Fazendo um comparativo incipiente entre a representação da Negra Nua e da Princesa Isabel depreendemos assim, a existência de dois tipos de mulher: uma vestida que possui nome, mulher de uma família importante e que deve ser respeitada; outra despida, sem nome, não se sabe a que família pertence, que é só um corpo, um objeto de desejo. Ou seja, essa negra não define uma só mulher, uma personagem específica de um contexto histórico, mas sim, uma diversidade de mulheres negras invisíveis socialmente e relegadas às periferias.

Mais uma vez a diferença na reprodução das obras da negra e da princesa sobre a questão da nudez remete a um significado para além do que já foi abordado anteriormente sobre a sexualização do corpo e adentra no campo da estrutura social. É sabido que em diversos períodos históricos a vestimenta (suas modelagens, cores e acessórios) serve à estrutura social, ela caracteriza e classifica grupos e pessoas na sociedade, evidenciando a divisão de classe. Desta forma, Falci (2013) aborda as características de comportamento e de vestimentas que distinguem as mulheres no sertão nordestino no período colonial, tratando das diferenças das formas de se vestir das mulheres livres e das escravas.

Se a representação da Princesa Isabel reflete o período histórico vivenciado por ela, tanto no busto como na estátua, visualizando-se seu perfil encoberto por volumosas roupas, podemos concluir que a negra retratada nua representaria deveras a forma como as mulheres negras viviam no período colonial? No entanto Falci (2013) nos informa que a mulher escravizada possuía um modo de vestimenta bastante humilde em comparação com as mulheres livres, mas ela não andava nua na sociedade colonial. Então, retratar a mulher negra sem roupa pode ser visto como uma tentativa de aprisionar seu estereótipo de pessoa desprovida de qualquer materialidade e que só detém seu corpo como possível força de trabalho e até como barganha para negociação,

ou seja, uma inferência da posição a que a mulher negra deve se submeter no meio social.

Outro ponto significativo de comparação é a postura das mulheres nas obras. De um lado a negra, ajoelhada, mãos estendidas para cima, boca aberta como quem pede ajuda ou um pedido de agradecimento. Já a princesa está de pé com uma das mãos estendidas, mas numa altura abaixo da cintura como um gesto de amparo e compaixão. Se imaginarmos nas duas obras lado a lado podemos vislumbrar uma cena de que alguém pede socorro e/ou agradece e outra que está com um semblante de condolência acolhendo e protegendo.

Deste modo, a negra se apresenta incapaz de agir sozinha sem a ajuda de alguém. São essas representações que se pretende demonstrar nesta pintura: a homogeneização de um povo negro, especificamente das mulheres negras, para um determinado lugar social, basicamente fadado às periferias sociais, longe de ser capaz de exercer sua força e autonomia como sujeitos históricos. Segundo afirma Lélia Gonzalez (1982, p. 89), “a raça, como atributo social e historicamente elaborado, continua a funcionar como um dos critérios mais importantes na distribuição de pessoas na hierarquia social”.

Esse grande monumento pode ter contribuído para fixar uma ideologia sobre o lugar do negro na sociedade, um desejo de mostrar a pequenez da representação negra na cidade no que tange seu papel diante da luta pela abolição e também reforçar estereótipos sobre a mulher negra como a sexualização do corpo e seu lugar social submisso, herdado pela estrutura escravagista. Como pontua Sobrinho:

A abolição não representou integração ou aceitação do negro e ex-escravo na sociedade. Ao contrário, nas estruturas e espaços sociais, a sociedade brasileira continuava (ainda hoje, se procura preservar essa prática como garantia de se conservar a estrutura herdada nesse período), hierarquicamente organizada, onde cada grupo ocupava seu lugar – resultado do eficientíssimo racismo brasileiro, que articulado à dominação de classe, tornara-se um eficaz instrumento de preservação de uma realidade extremamente excludente para as pessoas de pele escura. (2011, p. 302)

Não obstante, o monumento não só representaria a fraqueza do negro como também, de forma não expressa na pintura, exaltaria a elite branca como detentora do heroísmo e personagem principal desse evento histórico.

Apesar de existir poucos documentos que tratem sobre a construção da obra, suas dimensões e especificações, observamos um fato curioso de que originalmente o nome do monumento é “A escrava – Negra Nua”. No entanto, a placa que sinaliza o monumento no local, às referências de matérias de jornais e revistas e até a própria população conhece a obra pelo nome “Negra Nua” apenas. Contudo, alguns documentos da Prefeitura de Redenção e do Governo do Estado do Ceará ⁵, como também o livro didático *Descobrimo e construindo Redenção* (2011) ⁶, produzido pelo município, constam dados sobre o monumento que o intitulam “A escrava – Negra Nua”, fortalecendo assim a associação do negro a escravidão. Ou seja, quase cem anos após a abolição se constrói uma obra em homenagem à libertação dos escravizados e a mulher negra é retratada ainda como escrava.

Nossa premissa a respeito da decisão de intitular a obra com o nome *A Escrava* se deve ao domínio do estereótipo do negro na sociedade. Embora a obra demonstre o momento exato do rompimento institucional da relação do negro com a escravidão, nos documentos oficiais do Município e do Estado, a relação do estereótipo do negro associado à escravidão continua. Conforme cita Funes (2016, p. 02) “Isto leva a uma lógica perversa: associar o negro à escravidão, ou seja, todo escravo é negro e todo o negro é escravo”.

Destarte, observamos uma linha hierárquica bem formada proveniente do período colonial e propagada nos discursos pós-abolição. No topo da ordem social está o homem branco e no final está à mulher negra relegada a última categoria social.

As discriminações de raça e gênero produzem efeitos imbricados, ainda que diversos, promovendo experiências distintas na condição de classe e, no caso, na vivência da pobreza, a influenciar seus preditores e, conseqüentemente, suas estratégias de superação. Neste sentido, são as mulheres negras que vivenciam estas duas experiências, aquelas sempre identificadas como ocupantes permanentes da base da hierarquia social. (SILVA, 2013, p.109)

⁵ Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável: Polo Maciço de Baturité. Documento produzido pela Secretaria de Turismo do Estado do Ceará. <https://www.setur.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/59/2018/09/PDITS-macico-baturite-tomo-I.pdf>

⁶ BARBOSA, Anna Emília Maciel. et al. *Descobrimo e construindo Redenção*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2011. Livro de caráter didático, publicado em 2011, fruto da parceria entre a prefeitura e a Fundação Demócrito Rocha, para utilização no Ensino Fundamental I da Rede Pública.

Assim, a segregação de raça se perpetua para além da sociedade colonial e o dominador confortável no seu espaço utiliza da ideia de “naturalização” para confinar o negro no lugar periférico, onde ele sempre esteve, conforme cita Lélia Gonzalez:

Desde a época colonial aos dias de hoje, a gente saca a existência de uma evidente separação quanto ao espaço físico ocupado por dominadores e dominados. O lugar natural do grupo branco dominante são moradias saudáveis, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes formas de policiamento que vão desde os feitores, capitães do mato, capangas, etc., até a polícia formalmente constituída. Desde a casa grande e do sobrado até os belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido o mesmo. Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, invasões, alagados e conjuntos “habitacionais” (cujos modelos são os guetos dos países desenvolvidos) dos dias de hoje, o critério tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço (1982, p. 15).

Essa determinação pré-estabelecida historicamente do lugar social do negro e do branco delimita também o lugar que o corpo do negro ocupa socialmente, especialmente o corpo da mulher negra como um corpo aprisionado a um estereótipo de exclusão e exploração.

CONCLUSÃO

Diante do que foi exposto, ao contrário da ideia de representação da liberdade com a imagem da mulher negra a obra promoveu o seu aprisionamento a estereótipos de submissão e objetificação de seu corpo ao longo da história. Deste modo, o monumento se enquadra precisamente no que Walter Benjamin trata sobre monumento da barbárie. É o modelo exato da influência do poder do dominador sobre o dominado, a negra nua é a descrição de uma mulher sofridora recebendo a liberdade pelas mãos da elite branca. Ou seja, esta obra inaugurada em 1968 que deveria representar a luta pela libertação dos negros, e principalmente da mulher negra, ainda reflete um pensamento opressor, elitista e machista.

No entanto, nosso interesse não é desvalorizar ou criar um mal estar diante do monumento fazendo uma apologia para que ele seja destruído ou substituído. Nosso intuito é de que esta obra, compreendida como um local de memória possa ter novas perspectivas e resignificados. Desejamos que as pessoas observem o monumento com um olhar crítico a respeito de o porquê se pintar uma mulher negra nua no principal

“cartão de visita” da cidade de Redenção. Destarte, como é possível desconstruir esse estigma do corpo da mulher negra aprisionado a uma dicotomia de objetificação social e subalternidade?

Com o desejo de romper esse paradigma destacamos a força do movimento negro cearense e também a importância da implantação da Unilab na cidade de Redenção que viabilizou um novo olhar sobre sua história, o processo abolicionista e os discursos pós-abolição. Diversas pesquisas acadêmicas, atividades de extensão, grupos de pesquisa com a premissa da decolonialidade e debruçados na luta contra racismo e as diferenças de gênero têm possibilitado uma nova leitura sobre esse monumento.

Como exemplo disso destacamos o evento ocorrido no dia 25 de julho de 2017 que foi organizado pelo Grupo de Pesquisa Escritas do Corpo Feminino (Unilab/UFRJ), e promoveu o evento “As Pretas na Unilab”, para comemorar o Dia Nacional de Teresa Benguela e da Mulher Negra, como também o Dia Internacional da Mulher Negra Latino-americana e Caribenha. No período da noite houve um encontro em frente ao monumento com uma programação que incluía roda de capoeira e um debate a respeito da imagem da mulher negra no painel da obra. Alguns tecidos foram colocados cobrindo a nudez da negra nua e isso gerou uma repercussão bastante negativa nas redes sociais por parte dos moradores da cidade de Redenção, que acusaram os estudantes da Unilab de depredarem o monumento. Alguns dias depois o setor de Comunicação da Universidade lançou uma nota esclarecendo o ocorrido e destacamos o seguinte trecho:

Foi justamente para pôr em discussão a representação da mulher negra, sobretudo da escravizada, como figura subalterna, que algumas participantes fixaram tecidos que cobriram a nudez retratada no “Monumento Negra Nua”, utilizando fita adesiva que em nada trouxe de dano material ao monumento. Após o evento, todo o material foi recolhido. É papel da universidade promover a troca de saberes entre a academia e a sociedade e, nesse processo, promover uma visão crítica da realidade e lançar outros olhares que contribuam com a reflexão e o desenvolvimento. Como toda manifestação artística, o “Monumento Negra Nua” pode ser apreciado por diferentes pontos de vista e provocar múltiplas leituras e novos significados. (UNILAB, 2017)

Nesse sentido, os movimentos feministas com o protagonismo da mulher negra são indispensáveis para luta contra o racismo e a luta de classe.

Dessa forma, é preciso criar artifícios para que as condições e oportunidades sejam iguais, conforme cita a professora Dra. Rosalina Semedo de Andrade Tavares

(UNILAB, 2017) “A nossa cor não nos reputa a inferioridade, a incapacidade, a incompetência. O que nos faltam, muitas vezes, são as oportunidades”, é fundamental compreender que a luta de classes é injusta quando um grupo não dispõe das mesmas condições e oportunidades que o outro e a mulher negra sofre duplamente, no aspecto de gênero e também de raça.

Apesar das tentativas de subjugação, a mulher negra sempre esteve lutando para ser protagonista de sua história, resistindo mesmo com toda sociedade contra ela. Suas lutas são constantes e o maior desafio é desfazer esses estereótipos propagados. Para isto, esse trabalho é importante, para que possamos prestar atenção nos simbolismos presentes nos monumentos, obras artísticas, personagens de televisão, etc., e perceber que uma constância de representação da mulher negra como um ser subalterno não deve ser vista como natural, mas como uma ideologia construída socialmente e que pode ser dissoluta.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Diana Silveira. A interpretação de imagem na História da Arte: questões de método. Ícone: *Revista Brasileira de História da Arte*, v. 1, p. 80-91, 2015.

BARBOSA, Anna Emília Maciel. et al. *Descobrimo e construindo Redenção*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2011.

BITTENCOURT, José Neves. O teatro da memória - palco e comemoração na pintura histórica brasileira. In: *Projeto História: Sentidos da Comemoração*, vol. 20. Projeto História (PUCSP). São Paulo, abr. 2000, p.153-162.

BENJAMIN, W. *As Teses sobre o Conceito de História*. In: Obras Escolhidas, Vol. 1, p. 222-232. São Paulo, Brasiliense, 1985.

BHABHA, Homi. A outra questão: o estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo. In: *O local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BUSTO, Princesa Isabel. *Busto Princesa Isabel*. 1933. Escultura.

CASTRO NETTO, D. A.. “Uma palavra do nosso patrocinador?”: a propaganda brasileira e suas relações com a ditadura militar. In: *VIII Congresso Internacional de História - XXII - Semana de História*, 2017, Maringá. Anais do VIII Congresso Internacional de História. Maringá: EdUEM, 2017. v. 01. p. 759-767.

CEARÁ, Governo do Estado. *Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável: Polo Maciço de Baturité*. Documento produzido pela Secretaria de Turismo do Estado do Ceará. Disponível em: <https://www.setur.ce.gov.br/wp->

[content/uploads/sites/59/2018/09/PDITS-macico-baturite-tomo-I.pdf](#) Acesso em 04 de fevereiro de 2019.

DAVIS, Ângela. *Mulheres, Raça & Classe*. Tradução Livre. Plataforma Gueto, 2013.

DUVIVIER, Edgar. *Princesa Isabel de Avenida Princesa Isabel*. 2003. Escultura.

FREYRE, Gilberto. O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro. In: *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2003, p. 366 – 497.

FUNES, E. A. ; FERREIRA SOBRINHO, Hilário . Vivencias de Negros en Espacios de 'Morenos' y 'Galegos'. *Gazeta de Antropologia* , v. 31(1), p. 30-42, 2016.

GONZALÉZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. *Lugar de Negro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. *Revista Estudos Feministas*, 1995, V.3, nº 2.

JESUS, Marize Conceição de. O regime militar e a questão racial: o interdito. In: *Anais do XVII Encontro de História da Anpuh*, 2016, Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.encontro2016.rj.anpuh.org/resources/anais/42/1465860689_ARQUIVO_TEXTOC_OMPLETEOPARAANPUH.pdf. Acesso em 11/04/2019.

JURT, Joseph. O Brasil: Um Estado-Nação a ser construído. O papel dos símbolos nacionais, do Império à República. *Revista Mana*, vol.18, no.3. Rio de Janeiro, Dec. 2012.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão [et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LUCENA, M. R. de L. ; ALBUQUERQUE, A. L. C. ; SOARES, J. R. O início do século XIX brasileiro a partir da pintura histórica. In: *Anais do II encontro internacional de história colonial*, 2008, Caicó. Mneme (Caicó. Online). Natal: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008. v. 9. p. 01-10.

MARTINS, Paulo Henrique Souza. *Escravidão, Abolição e Pós-Abolição no Ceará: sobre histórias, memórias e narrativas dos últimos escravos e seus descendentes no Sertão cearense*. 2012. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói.

NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. In: Projeto História. São Paulo: PUC, n.10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

PAMPLONA, José Eduardo. *Monumento A escrava – Negra Nua*. 1968. Monumento

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*, vol. 2, n.3. Rio de Janeiro, 1989, pp. 3 – 15.

SILVA, Tatiana Dias. Mulheres negras, pobreza e desigualdade de renda. In: MARCONDES, Mariana et al. (Org.). *Dossiê Mulheres Negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*. Brasília, DF: Ipea, 2013.

SOBRINHO, José Hilário Ferreira. “*Catirina, minha nêga, tão querendo te vendê...*” – escravidão, tráfico e negócios no Ceará do século XIX. Fortaleza: Secult, 2011.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

UNILAB. *Grupos e setores da Unilab divulgam nota sobre suposta depredação do Monumento Negra Nua.* 2017. Disponível em: <http://www.unilab.edu.br/noticias/2017/07/31/grupos-e-setores-da-unilab-divulgam-nota-sobre-suposta-depredacao-do-monumento-negra-nua/> Acesso em 08 de março de 2019

UNILAB. *Um dia de homenagens e ressignificações às mulheres negras da Unilab.* 2017. Disponível em: www.unilab.edu.br/noticias/2017/07/26/um-dia-de-homenagens-e-resignificacoes-as-mulheres-negras-da-unilab/ Acesso em 08 de março de 2019.